

QUEM,

EU?

**UMA AVÓ.
UM NETO.
UMA LIÇÃO DE VIDA.**

**FERNANDO
AGUZZOLI**

**PA
RA
16
19**

Copyright © 2015 by Fernando Aguzzoli

Este livro recebeu o apoio de:

ALTOS DO BELA VISTA, CASA DE REPOUSO BEM VIVER, CASAS DE BELÉM, JEITO DE VIVER,
MENINO DEUS SÊNIOR, PEDRA REDONDA, SANTA MADALENA, VILLA ARGENTO E VITALIS

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Fotos de capa e miolo

© Arquivo pessoal

Preparação

Mariana Delfini

Revisão

Luciane Helena Gomide

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguzzoli, Fernando.

Quem, eu?: Uma avó. Um neto. Uma lição de vida / Fernando
Aguzzoli. — 2ª ed. rev. amp. — São Paulo: Paralela, 2015.

ISBN 978-85-65530-97-2

1. Avós e netos 2. Doença de Alzheimer 3. Experiências de vida
4. Família - História 5. Histórias de vida I. Título.

15-02586

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Avós e netos: Histórias de vida 920

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO, 9
1. O MACACO QUE LAVAVA ROUPAS, 13
2. AFETOS E DESAFETOS, 19
3. O NETO: EU!, 21
4. QUEM, EU?, 29
5. RIR PODE SER UM BOM REMÉDIO!, 39
6. NÃO TOCA NO TUCANO!, 45
7. NÃO É FÁCIL, 53
8. BENJAMIN BUTTON, 59
9. VIREI PAI. E AGORA?, 61
10. *GRAN FINALE*, 69
11. A SAUDADE E AS LIÇÕES QUE APRENDI, 79
- EPÍLOGO: A VOVÓ É UMA ESTRELA, 85
- DIÁLOGOS INESQUECÍVEIS, 89
- AGRADECIMENTOS, 169
- NOTAS, 175

1. O MACACO QUE LAVAVA ROUPAS

Nossa história começa de fato lá em fevereiro de 1934, quando Nilva Aguzzoli, filha do meio, veio ao mundo para muito lá na frente se tornar minha avó. Sob a égide de um signo que antecipa a veia artística, Aquário, a filha de imigrantes italianos já adotara um gênio daqueles fortísimos.

Em Caxias do Sul, interior do Rio Grande do Sul, os três filhos viviam com os pais. Victor Hugo, caminhoneiro mulherengo, e Genoveva, dona de casa que, por falar pouco o português, acabou deixando como herança uma forte identidade cultural italiana nos filhos.

“Meu pai era um gatão! Ele estava sempre bem-arrumado, e só o jeito de falar já conquistava qualquer mulher solteira. Mas não precisava conquistar tantas, né? Já a minha mãe tinha um estilo bem mais sério e comportado. Ela era braba, isso sim!”

Mas as lembranças boas que a “corujinha” — como era chamada pelos pais por andar no escuro — tinha de sua infância não completam duas páginas deste livro. A família sempre sofreu com graves problemas financeiros, e as coisas iam de mal a pior conforme o tempo passava. Entretanto, essas lembranças boas — que, por incrível que pareça, estiveram sempre muito bem impressas na memória da velhinha — o tempo todo envolveram animais com os quais crescera. Eles iam dos convencionais cães e gatos aos exóticos patos, pombas, um tucano e um macaco chamado Macaco. O curioso dessas lembranças é sua força, mesmo quando o Alzheimer já atingira um nível intermediário. Ela contava os mesmos “causos” desde que eu me lembro por gente, as histórias de vovó e seu minizoológico. Conforme a doença avançava, os protagonis-

tas se invertiam: o Macaco agora era um gato, o cachorro fujão virava um tucano e, do nada, surgia um “ser” que nunca existiu!¹

VÓ Ah, mas não faz sentido, Fernando, tem alguma coisa errada na história.

EU Capaz, tu achas, vó?

“Meu pai era caminhoneiro e trazia um bichinho para mim e para meus irmãos de cada lugar por onde passava. Os patos viviam em uma espécie de laguinho perto da casa. Lembro inclusive de uma vez em que aprontei alguma para a minha mãe, e ela desatou a correr com pedras na mão para me acertar. O resultado foi que não vi o dito laguinho e, quando fui me esconder, caí junto com os patos. Daí não tinha para onde correr. Já o tucano era insuportável, íamos jantar e ele ficava embaixo da mesa beliscando a canela de todo mundo. Mas, em uma das viagens do papai, ele veio com o Macaco! Um bicho maravilhoso e muito inteligente, eu era apaixonada por ele. Sua casinha ficava na garagem do caminhão do pai, lá em cima, e ele estava sempre preso com uma correntinha.

“Minha mãe uma vez estava lavando roupas no tanque e ele só a observava. Daí ela resolveu dar uma latinha com água e uns trapinhos velhos para ver o que ele fazia. Acredita que ele passou a imitar todos os movimentos dela? Até batia com o pano na tábua, esfregava na água e tudo o mais, uma beleza! Ensinamos um macaco a lavar roupa!

“Minha irmã era muito má com ele, nós o levávamos para tomar banho no lago lá perto e ela rodopiava o bicho pelo rabo e o arremessava lá no meio da água, pobrezinho.

“Um dia o danado arrebentou as correntes e se mandou para a vizinha. Como se não bastasse, ela havia feito uns quantos bolos para vender. Imagina o estrago que o Macaco fez. Meus pais então decidiram dar o macaquinho. Tempos depois ficamos sabendo que, após ele ter ido para o novo lar, parou de comer, entrou em depressão e morreu. Que saudade dele.”

EU Vó, tu sentes saudades do Macaco?

VÓ Muita!

EU E dos teus pais?

VÓ Por quê?

EU Porque eles morreram muitos anos atrás!

VÓ Capaz, meu amor, vi eles hoje pela manhã! Claro que não. Maluco.

A saudade para um idoso com Alzheimer é bem diferente daquela que nós conhecemos. O termo designa um misto de perda, amor, distância e falta daquilo que se foi. Entretanto, alguns elementos do passado desses idosos ainda são parte de sua realidade. A mãe de minha avó, por exemplo, era sempre tida como viva; logo, não existia saudade relacionada a ela.

A infância de vovó, simples e sem muitos recursos, terminou, para que ela iniciasse uma adolescência ainda mais conturbada e de más recordações. O pai passava muito tempo na estrada e, como muitos que nessa vida nômade se “instalam”, acabava por nutrir romances sazonais. Porém, os retornos para casa passaram a tardar mais que o normal, as finanças complicaram, e a desconfiança de dona Genoveva aumentou.

Foi numa viagem em família que tudo veio à tona. Os atrasos do marido tinham nome e vestiam saia e, pior, eram a dona da pensão para onde Hugo levava a esposa e os filhos para passar o fim de semana. Que cara de pau, né?

“Num desses dias, na pensão, houve um deslizamento de terra. Assim que o morro começou a desabar, meu pai pegou a dona da pensão e a levou para uma casa mais distante, voltando depois para buscar meus irmãos, minha mãe e a mim. Realmente nos chocou ele ter resgatado primeiro aquela senhora, para depois buscar a própria família. Mas daí a dona dessa outra casa contou tudo sobre o romance que ele nutria com aquela mulher. Minha mãe ficou arrasada.”

Que erro, Hugo, que erro!

Como diria a princesa Diana, havia gente demais nesse casamento. Mas Genoveva não toleraria a traição e abraçaria todas as dificuldades de ser uma divorciada, mãe de três. E que dificuldades. Depois disso, Hugo abandonou de vez o ponto fixo e pisou na estrada com vontade, parando apenas na casa de suas amantes pelo caminho.

“Eu estava terminantemente proibida de ver meu pai. Quando ouvia o caminhão dele descendo a rua buzinando, eu corria para a casa da minha avó e passávamos algum tempo juntos, mas era tudo escondido. Era meu pai, nunca deixei de amá-lo, não era justo deixar de vê-lo.

“Um dia, eu subi no sótão de casa e lá encontrei uma caixa cheia de bonecas e brinquedos. Poxa, eu nunca tive uma boneca, mas aquela caixa estava lá em cima por algum motivo. Minha mãe me viu e me arrancou de lá, e nunca comentamos sobre aquele momento. Acho que meu pai mandava para nós, mas ela tinha medo de que gostássemos dele. Queria nos proteger e também tinha uma pitadinha de ciúme, claro!”

Com o pai fora de casa, a situação financeira, que já era ruim, piorou. A saída foi colocar a pequena Nilva para trabalhar. Com apenas treze anos de idade, ela era forçada a abandonar os livros que tanto amava e trocar a escola por uma grande fábrica de tecelagem.

“Eu era tão nova que, quando a fiscalização chegava, eu tinha que me esconder no banheiro. Só saía de lá quando me buscavam, sinalizando que estava tudo bem. Se um fio arrebentasse, eu tinha que parar a máquina, emendar o fio e religá-la, essa era a minha função.”

Sem qualificação e precisando ajudar no sustento da família, a pequenina permaneceria na fábrica por anos e anos. Ela foi o cenário de boas e péssimas lembranças.

“Eu adorava cantar na fábrica, para amenizar o barulho alto do maquinário! Eu tinha uma boa voz, gostava de cantar óperas e músicas italianas. Um dia o dono da fábrica me viu cantando e disse que eu deveria encarar a alternativa de cantar profissionalmente. Mas buscar oportunidade na arte era para quem podia. Para mim não dava, eu precisava daquele emprego.”

Tenho grandes recordações da minha avó cantando. Mesmo com a voz castigada pelos anos de cigarro, seguia acertando o tom. Pode até ser coisa de neto coruja, mas pra mim o talento permanecia ali sonolento, aguardando por um despertar. Cada vez que eu — desafinado como sou — arriscava uma das óperas que ela cantava, vovó me olhava com os olhos brilhando e dizia: “Que coisa mais linda!”. Essa parte tenho certeza de que era por corujice de vó. Mas aquela voz...

E foi quando debutava os quinze anos de uma adolescência sem brilho que recebeu uma notícia devastadora.

“Um dia, meu tio telefonou para a fábrica atrás de mim. Ele era um advogado arrogante, achei estranho ter me procurado. Ele então me disse: ‘Nilva, eu tenho uma notícia muito triste pra te dar. Fica calma, mas teu pai morreu’.”

Hugo havia sido brutalmente assassinado pelo marido de uma de suas amantes. O crime foi encarado na época como um grande mistério na Serra Gaúcha, pois, depois que o assassino foi levado a julgamento e cumpriu sua sentença, acabou baleado pelas costas no auge de sua condicional. Vingança? Provável. Mas nunca se descobriu de onde veio a bala “justiceira”.

“Eu jurei que traria tanto mal para aquele homem quanto ele me trouxe. Coragem, eu tinha; vontade, também. Mas não o fiz. A única vez que vi o rosto do assassino de meu pai foi em seu julgamento, quando olhei no fundo daqueles olhos e chorei com pena. Não sei quem o matou depois de solto, mas meu pai tinha muitos amigos, pode ter sido um deles!”

Sempre que minha avó falava sobre o pai, ela olhava para o nada, acho que buscava por ele. Ficava falando e olhando pro horizonte. Nunca pôde desfrutar do tempo de que gostaria ao seu lado, mas também, assim como disse o poeta Rumi, “O tempo é sempre curto pra quem precisa dele, só que para os amantes ele dura para sempre”. Ela certamente o amou em cada segundo, mesmo sem ter tido a chance de dizer isso por quantas vezes quisesse.

Mas, como todos sabemos, a vida não nos permite luto prolongado, forçando-nos a crescer com as dificuldades. Nilva agora seguia seu rumo sem o pai que tanto amava e com uma família para sustentar.

2. AFETOS E DESAFETOS

Na crista de sua maioridade, Nilva decidiu se mudar para a casa de amigos em Porto Alegre. Lá ela conheceria o grande amor de sua vida, como sempre o descreveu. Ari Lopes era um funcionário público dedicado, vinte anos mais velho. Mas, como toda corda tem seus nós, o jovem já havia constituído família e entrava agora em um caso infiel. Claro que vovó, com esse bendito gênio que Deus lhe deu, se recusou a ser a “outra”, mesmo sob todas as promessas de um dia vir a ser a única. Na busca de esquecer o homem que a tirara do eixo, arrumou seus trapos e mudou-se com a mãe para os fundos da casa de outros amigos. Mas de nada adiantou fugir. Ari a encontrou e, na primeira noite que passaram juntos, vovó engravidou dessa pessoa linda que é minha mãe.

Sempre achei curioso o funcionamento da mente humana. A vovó, embora vítima de Alzheimer, ainda tinha uma espécie de memória seletiva. Nunca esquecera o “homem de sua vida”, mas nunca mais se lembrara do assassinato de seu pai ou da mãe que havia morrido. As poucas coisas boas que vivera seguiam muito presentes na memória, abrindo caminho para que as lembranças trágicas fossem apagadas de uma vez por todas. Esquecer é mesmo um benefício para poucos, que nos permite voltar no tempo e reconstruir nosso passado. ...

O pai coruja curtiu a gravidez ainda vivendo a relação em paralelo. Farta de promessas, Nilva resolveu novamente dar cabo do relacionamento assim que a filha nasceu, terminando o caso com fortes restrições às visitas do pai. Ela estava de fato determinada a evitar e esquecer o pai de sua filha, o homem que amou até o último segundo de vida.

Não muitos anos depois, vovó conheceria o segundo homem de sua vida.

Mas, felizmente, os dez anos seguintes da vida de minha avó foram apagados de suas lembranças. Faço questão de não recordá-los em sua memória. O que há de importante para saber é que, certo dia, ela decidiu buscar a felicidade. Ela, uma operária, e minha mãe, uma adolescente, saíram de casa carregando apenas as roupas do corpo, mas agora sem medo! Ali iniciavam uma nova vida.

A lembrança que minha mãe tem desse período é de noites e noites em que minha avó chorava relembrando os anos que haviam passado.

Sem dinheiro. Sem lar. Sem nada. Mãe e filha foram para a casa de tios até que pudessem arranjar um novo emprego e, depois de anos sem um canto fixo, morando de favor na casa de amigos e parentes, pudessem alugar o primeiro apartamento, uma quitinete no centro da capital gaúcha. Esse tempo significava, para elas, um recomeço.

Durante esse período, em que as duas tinham apenas um colchão para dormir, dois garfos, duas facas, dois pratos, duas canecas e algumas roupas, familiares e amigos ajudaram, dando inclusive compras de mercado semanais, até que pudessem cambalear com as próprias pernas.